



ALGUMAS FIGURAÇÕES DA IDADE MÉDIA NA LITERATURA PORTUGUESA INFANTOJUVENIL

SOME FIGURATIONS OF THE MIDDLE AGES IN PORTUGUESE CHILDREN'S AND YOUTH LITERATURE

Sara Reis da Silva
Centro de Investigação em Estudos da Criança
Instituto de Educação
Universidade do Minho
sara_silva@ie.uminho.pt
<https://orcid.org/0000-0003-0041-728X>

Recepción 30-03-2023 – Aceptación 17-05-2023

Resumo

A presença da História na Literatura Portuguesa para a Infância e a Juventude tem vindo a consubstanciar-se diversamente ao longo dos tempos. Os propósitos da ficção histórica, bem como os seus diferentes níveis ou filiação no real variam consoante o contexto histórico-cultural, testemunhando o espírito do(s) tempo(s). Em Portugal, depois de superada a escrita marcadamente ideologizante ou propagandística do Estado Novo (1926-1974), espartilhada inclusive por *Instruções Sobre Literatura Infantil* (1950) e focada na conformação de uma «determinada», ostensivamente intencional, identidade nacional, nos anos 80 e 90 do século xx, os acontecimentos e as figuras históricas ganharam uma outra espessura, um rosto mais humano, para, já no século xxi, incluir algumas recriações emolduradas pela paródia, por exemplo. Autores como Alice Vieira (Lisboa, 1943), em particular, no domínio da novela juvenil, Luísa Ducla Soares (Lisboa, 1939) e José Jorge Letria (Cascais, 1951), na narrativa em verso ou no conto, ou Inácio Nuno Pignatelli (Porto, 1950), no texto dramático, entre outros, integram o grupo de autores que têm seguido a linha que vimos de enunciar. Na sua produção literária, os elementos/signos da Idade Média Portuguesa (séc. xi-xv) ganham um espaço relevante. Neste estudo,

revisitaremos, assim, um conjunto de obras selecionadas que enformam um *corpus* textual contemporâneo no qual é possível encontrar distintas figurações da referida época e concluir acerca da relevância concedida, por exemplo, a D. Afonso Henriques e a D. Dinis, imagens simbólicas e centrais na memória coletiva portuguesa.

Palavras chave

Literatura infantojuvenil portuguesa, ficção historiográfica, figurações da Idade Média.

Abstract

The presence of History in Portuguese Children's and Youth Literature has been consubstantiated in different ways over time. The purposes of historical fiction, as well as their different levels or affiliation with reality vary according to the historical-cultural context, bearing witness to the spirit of the time(s). In Portugal, after overcoming the markedly ideologizing or propagandistic writing of the Estado Novo (1926-1974), even constrained by *Instruções sobre Literatura Infantil* [*Instructions on Children's Literature*] (1950) and focused on the conformation of a «determined», ostensibly intentional, national identity, in the 1980s and 90s of the 20th century, events and historical figures gained a new thickness, a more human face, to, in the 21st century, include some recreations framed by parody, for example. Authors such as Alice Vieira (Lisbon, 1943), in particular, in the field of juvenile novels, Luísa Ducla Soares (Lisbon, 1939) and José Jorge Letria (Cascais, 1951), in verse or short story narratives, or Inácio Nuno Pignatelli (Porto, 1950), in the dramatic text, among others, are part of the group of authors who have followed the line we have just enunciated. In their literary production, the elements/signs of the Portuguese Middle Ages (11th-15th centuries) gain a relevant place. In this study, we will thus revisit a set of selected works that form a contemporary textual *corpus* in which it is possible to find different figurations of the referred period and conclude about the relevance granted, for example, to D. Afonso Henriques and to D. Dinis, central and symbolic images in the Portuguese collective memory.

Keywords

Portuguese Children's and Youth Literature, Historiographic Fiction, Figurations of the Middle Ages.

I. INTRODUÇÃO

No peculiar sistema literário que é a literatura infantojuvenil, a ficção e o real (ou o mundo histórico-factual) e a sua compaginação no sentido de uma criação estética têm sido uma constante. Sendo «a rich but long undervalued source of information about culture as well as a contribution to it» (Reynolds, 2011, p. 5), a literatura para a infância e a juventude (LIJ), também como forma de expressão artística, tem acolhido e reconfigurado esteticamente a História. Nesse mundo possível, que o discurso literário representa, perscrutam-se modos distintos de dialogar com a realidade a que, muitas vezes, se refere. A realidade histórica ou as representações do passado, propostas pela LIJ portuguesa e pelos seus autores, bastante recorrente,¹ aliás, possuem uma presença relevante na História desta literatura e testemunham inclusive o espírito do(s) tempo(s). Por exemplo, no período do Estado Novo (1926-1974), período no qual se promulgaram *Instruções sobre Literatura Infantil* (1950), as representações de figuras históricas e de acontecimentos, intencionalmente mitificados, alvos de «acentuação heróica» (Mattoso, 2019, p. 126) e veículos de uma «determinada» identidade nacional,² eram seletivas e/ou selecionadas com intuitos propagandísticos, procurando acentuar ideais nacionalistas. É exemplo desta vertente Virgínia de Castro e Almeida (Lisboa, 1834 – Lisboa, 1945), uma figura literária impulsionada por uma renovação política coincidente com a Revolução Republicana, cuja obra literária, quase camaleonicamente, é editada no decurso de três regimes distintos e que edita um conjunto de quarenta e três títulos na coleção «Pátria» (Silva, 2010), seguidos de mais quatro na coleção «Grandes Portugueses», exemplares de feições nacionalistas tornados «instrumentos da propaganda ideológica do Estado Novo» (Gomes, 1997, p. 32). Neste conjunto de escritores, situamos, ainda, Adolfo Simões Müller (Lisboa, 1909 – Lisboa, 1989) e a obra *Meu Portugal, Meu Gigante* (1931) (Silva, 2023), exercício literário em verso no qual o elogio dramático e um certo fatalismo a acentuar os feitos «heróicos» dos portugueses são dominantes.

Na maioria dos volumes fortemente condicionados pelo contexto sociopolítico, em especial os datados do período salazarista, a época medieval, em concreto a

¹ Veja-se, por exemplo, o seguinte conjunto exemplificativo de autores e de títulos: Pinheiro Chagas (1842-1895), autor de *História Alegre de Portugal* (1880), obra subintitulada *Leitura para o Povo e para as Escolas*; Olavo d' Eça Leal (1908-1976) que escreveu *História de Portugal para Meninos Preguiçosos* (1943); ou Adolfo Simões Müller (1909-1989), com *Historiazinha de Portugal* (1944).

² Este facto vem na linha de uma certa tradição editorial que tem origem já nos últimos anos do século XIX e primeiras décadas do século XX, conforme assinala Raquel Patriarca (2015).

formação da nacionalidade e o heroísmo de D. Afonso Henriques, por exemplo, assim como a Expansão Marítima, são ostensivamente valorizadas. Deste modo,

a ficção também revela o sentido do que convencionamos chamar o real. Esse sentido não se capta apenas por meio da narrativa verídica que é a História, mas também por meio da ficção, que exprime de outra maneira o sentido das ações do homem e da sua relação com o mundo em que vive. (Mattoso, 2019, p. 126).

No presente estudo, debruçar-nos-emos precisamente na representação da Idade Média e nas suas diferentes figurações na literatura portuguesa contemporânea que tem na criança e no jovem os seus preferenciais destinatários extratextuais. Para tal, assumiremos a periodização estipulada em *História de Portugal*, uma das mais recentes abordagens de Portugal, de Ramos (coordenação), Monteiro e Vasconcelos e Sousa (2009), a saber: Idade Média (séc. XI-XV), Idade Moderna (séc. XV-XVIII) e Idade Contemporânea (séc. XIX-XXI). Cientes do facto de que «Cada vez mais, os medievalistas começaram a questionar os limites da periodização que marcavam a Idade Média, tanto em relação à Antiguidade Tardia, quanto ao Renascimento» (Temponi e Guerra, 2019) e sem querer discutir, por não ser esse o foco deste trabalho, questões de periodização, a nossa análise nortear-se-á pelas balizas temporais fixadas na obra mencionada, assumindo como Idade Média ou Era Medieval portuguesa o período que abarca os séculos XI a XV, uma perspetiva tida como consensual.

Das diferentes pesquisas que temos empreendido e atendendo à investigação divulgada, em termos comparativos, a época em questão não tem sido, na verdade, a mais ficcionalizada na LIJ contemporânea. Consideramos, por exemplo, que as Descobertas ou a expansão marítima, assim como o 25 de abril de 1974 e a instauração da democracia (Ramos, 2008; Ramos, 2009; Ramos, 2014) têm vindo a revelar-se motivos mais assíduos na escrita portuguesa para a infância.

Francesca Blockeel, porém, centrando-se na produção literária juvenil contemporânea, destaca, nas épocas e figuras históricas ficcionalizadas com mais incidência, o nascimento da nação como «um momento eufórico» e valoriza a «mitologia afonsina» e o «discurso patriótico». Trata-se, pois, de um conjunto de recriações históricas da época medieval e, neste mesmo quadro, a investigadora regista que D. Afonso Henriques, como primeiro rei de Portugal, simboliza «o nascimento da nação, não só porque foi conquistando aos Mouros a maior parte do território português, mas também porque conseguiu obter e guardar a independência frente aos vizinhos reinos espanhóis.» (Blockeel, 2001, p. 177) e, assim, «Muito rapidamente tornou-se um mito fulcral da cultura portuguesa» (Blockeel,

2001, p. 177). Daí que, como acentua a mesma investigadora, esta figura histórica seja alvo de diversas recriações literárias, de diferentes autorias, muitas vezes como «guerreiro gigantesco» e com um «carácter imprevisível e irascível» (Blokeel, 2001, p. 183).

2. ANÁLISE DO *CORPUS* TEXTUAL

Na seleção textual que efetuámos, procurámos incluir textos/obras, editados/as tanto no século xx, como no século xxi. Embora, em relação aos primeiros, não tenhamos a intenção de apresentar uma análise muito aprofundada, considerá-mos importante incluí-los, na medida em que poderão dar conta de um percurso, de uma tendência que tem vindo, em certos casos, a consolidar-se e, em outros, a rarear. As obras escolhidas, uma seleção concretizada sem pretensões de exaustividade, mas com um intuito exemplificativo, situam-se nos três modos naturais da literatura —narrativa, poesia e drama—, de autorias distintas, pertencentes a períodos diferentes da História da LIJ portuguesa e, ainda, potencialmente vocacionados tanto para o leitor infantil, como para o leitor pré-adolescente/juvenil. Também assumimos como critério a representatividade temática e de motivos, atendendo aos espaços recriados (castelos, mosteiros...), às figuras (cavaleiros, reis, monges, etc.) e aos eventos (como batalhas, banquetes, festas, romarias, epidemias — peste negra, etc.), os designados por Cecire (2009) como «customary medievalised trappings». Assim, o *corpus* textual desta abordagem contempla, por exemplo, a ficcionalização da figura de D. Afonso Henriques, da Batalha de S. Mamede, da Peste Negra, da recriação intertextual da poesia trovadoresca, entre outros.

Procedemos, por conseguinte, ao levantamento e à escolha de cerca de uma dezena e meia de obras que brevemente revisitaremos, organizando a nossa exposição em duas partes: *a*) obras publicadas no pós-25 de abril de 1974 (no século xx); *b*) obras editadas no século xxi. A referência a cada um dos volumes seguirá uma ordem cronológica (data da primeira edição), exceto no que se refere a abordagem de dois poemas patentes em duas antologias poéticas.

2.1. *Algumas obras publicadas no pós-25 de abril de 1974 (no século xx)*

Com a instauração da democracia, com a revolução de abril, a LIJ ganhou um novo impulso. Alguns escritores cuja obra tinha tido início ainda no período

ditatorial como António Torrado (Lisboa, 1939 – Lisboa, 2021) ou Maria Alberta Menéres (Mafamude, Vila Nova de Gaia, 1930 – Lisboa, 2019), por exemplo, expandiram a sua produção literária. Simultaneamente, surgiram novos autores cuja escrita viria a conquistar um relevante, sólido e prolongado lugar nas leituras dos mais novos, como sucede com Alice Vieira (Lisboa, 1943), por exemplo. Os textos vindos a lume nesta época possuem uma presença importante na História da LIJ, marcando tendências e abrindo novos caminhos, como é o caso da re-criação ficcional da História de Portugal, numa chave absolutamente distinta da imposta pelo regime hipervigilante de Salazar.

Datada de 1981, a obra *A Espada do Rei Afonso*, de Alice Vieira, possuindo uma forte filiação histórica, é um dos exemplos do veio criativo que temos vindo a mencionar. A sua ação principal situa-se na Idade Média, no tempo da formação da nacionalidade portuguesa. Nesta narrativa, convivem três irmãos (Mafalda, Vasco e Fernando) que visitam o Castelo de S. Jorge, em Lisboa, e que aí procuram uma moeda de coleção, um objeto mágico que lhes proporcionará uma viagem. E é assim que, de repente, regressam a um tempo longínquo, a um passado, situado há 834 anos. D. Afonso Henriques, o primeiro rei de Portugal, sobressai e revela-se detentor de mau feitio. *Este Rei que Eu Escolhi* (1983), segundo volume do díptico que integra também a obra que acabámos de evocar, recria o momento histórico da escolha do Mestre de Avis (D. João I) para primeiro Rei da segunda Dinastia. Com os mesmos protagonistas do primeiro título mencionado, três irmãos, e uma tia muito especial, a Tia Leocádia, que se orgulha de ter herdado a virtude inabalável da pontualidade de um bisavô inglês, a ação oscila entre o presente e o passado (sendo Lisboa, descrita com a devida cor local, o seu espaço central), vivendo, no essencial, de uma fantástica viagem no tempo, motivada por uma moeda invulgar. Em ambos os volumes, a crítica, a ironia, um sarcasmo refinado e um humor eficazmente doseado pontuam a narrativa e confirmam, uma vez mais, o estilo irresistível da autora.

Histórias em Ponto de Contar (1984), de António Torrado e Maria Alberta Menéres, representa uma síntese de arte. Com uma narrativa que tem como mote vinte gravuras que pertencem ao álbum *XX Dessins par Amadeo de Souza-Cardoso*, publicado em Paris, em 1912, a expressão literária e a expressão visual «hesita[m] sobre a faixa de leitores a que se destina», como se pode ler na introdução «À maneira de apresentação». O discurso literário, composto por diversas narrativas que se desfilam ou se tecem na voz de uma mãe, acompanhada por uma filha, no feminino, portanto (como nas cantigas de amigo da lírica trovadoresca), alimenta-se criativamente de florestas maravilhosas, das rainhas e dos reis, de lendas de moleiros com três filhas, mouras, prisioneiros, cativas, princesas e aias, entre

outros, elementos sugestivos que permitem antever uma ambiência medieval, introduzida com elevada subtileza e sensibilidade estética.

Luísa Dacosta (Vila Real, 1927 – Matosinhos, 2015), em 1985, publica *A Batalha de Aljubarrota*, um texto inspirado em Fernão Lopes (*fl.* 1418 – 1459) e em Camões (Lisboa?, 1524 – 1579 ou 1580), com ilustrações de Marques Cruz.³ Neste volume, revisita-se, pois, a crónica lopeana sobre a batalha que determina a independência de Portugal face a Castela, após a crise política de 1383-1385. Tendo vindo a lume por altura da comemoração dos 600 anos da batalha (14-08-1385 / 14-08-1985), o texto de Luísa Dacosta não esconde o tom laudatório, bem como uma visão heroica, orgulhosa e gloriosa da batalha, explicados à luz do contexto em que ocorre. O peritexto final, «Vocabulário», com uma função metalinguística, constituiu um importante auxílio para o leitor, esclarecendo o significado de um conjunto de termos patentes ao longo do relato.

A série de livros juvenis «Viagens no Tempo», configurando uma tendência da escrita das suas autoras —tendência que poderemos designar como topo-histórica, se atendermos à outra coleção que, na mesma época, veio a lume, ou seja, a coleção «Uma Aventura», cujos volumes se centram sucessivamente em espaços físicos/geográficos/regionais/históricos portugueses—, começou a ser publicada em meados da década de 80 do século xx, com a chancela da Editorial Caminho. De autoria da conhecida dupla Ana Maria Magalhães (Lisboa, 1946) e Isabel Alçada (Lisboa, 1950), conta com ilustrações de Arlindo Fagundes (Ovar, 1945). A coleção, especialmente recomendada para adolescentes e jovens com mais de 10 anos, ficcionaliza temáticas históricas, conforme sugere a designação. Proporciona, assim, aos jovens leitores uma aproximação a personagens históricas e revela, conforme regista José António Gomes,

um novo interesse pela História de Portugal (...). Libertos da ideologização que distorceu a visão da História veiculada no tempo de Salazar e Caetano, os livros para crianças e jovens reflectem novos olhares sobre o passado, por vezes, mais lúcidos e, noutros casos, contaminados —no bom sentido— por uma ficcionalidade que permite dar aos acontecimentos históricos um rosto mais humano. (Gomes, 1997, p. 49).

Os protagonistas da coleção em causa são dois irmãos de Lisboa, João e Ana, e um cientista, Orlando, membro da A.I.V.E.T. (Associação de Investigação de Viagens no Espaço e no Tempo), que vive num castelo, na Serra do Marão. É

³ Não se encontram disponíveis quaisquer informações biobibliográficas acerca deste ilustrador.

este cientista que possibilita aos dois irmãos uma viagem numa das suas máquinas do tempo e, assim, a vivência de diversos episódios e a passagem por diferentes espaços históricos. Para a presente abordagem, interessa sobretudo aludir brevemente aos três primeiros volumes da coleção, a saber: *Uma viagem ao tempo dos castelos* (1985), *Uma visita à corte do rei D. Dinis* (1986) e *O ano da peste negra* (1987). No primeiro volume, a sugestão topológica do peritexto titular remete para um universo feito de lutas, caçadas, florestas com lobos e javalis, um imaginário no qual o castelo é símbolo de força, poder e segurança, sendo uma visão terrífica para os inimigos (Boulaire, 2002). Nesta narrativa, com muitos momentos emocionantes, os dois protagonistas encontram-se com D. Afonso Henriques, futuro rei de Portugal. Já no segundo volume, o título destaca a figura do rei trovador e do seu reinado e, neste, os protagonistas têm a oportunidade de assistir a uma caçada com falcões e de se envolverem numa aventura com uma bruxa. Já o terceiro volume tem como mote a fatídica epidemia, que entrou em Portugal em 1348, e conta o envolvimento da dupla de protagonistas com uma quadrilha de ladrões que pilhava casas. A todos os exemplares é comum a inclusão de apêndices informativos, com dados histórico-culturais muito interessantes. Por exemplo, no caso do segundo volume, surge um apartado sobre poesia medieval e, ainda, sobre instrumentos medievais usados, no século XII, pelos jograis.

Natércia Rocha (Lisboa, 1924 – Lisboa, 2004), importante pedagoga, estudiosa da LIJ, crítica literária e escritora, editou, em 1991, na coleção «Contos da História», o volume *O Menino de Guimarães*. Ficção de raiz histórica ou biografia romaneada, o relato centra-se na infância de D. Afonso Henriques e distingue-se pela vivacidade, pelo tom coloquial e pelo visualismo. São figuras centrais da narrativa duas companheiras da infância de D. Afonso Henriques, Ana, filha de um nobre cristão, que será, durante toda a vida, conselheira do monarca e sobre o qual terá uma grande influência, e Sancha, filha de uma «moura cativa». Também neste texto, o fundo humano das figuras surge acentuado, substantivando, assim, uma das tendências da ficção histórica do pós-25 de abril de 1974.

A obra *Portugal por Miúdos* (1997), de José Jorge Letria (Cascais, 1951), exemplifica uma das linhas criativas mais assíduas da produção literária deste prolífico autor (Macedo, 2018): a ficção com fundo historiográfico ou histórico. Não se cingindo à recriação histórica da Idade Média, este longo texto em verso, seguindo uma linha cronológica, propõe uma espécie de viagem guiada ao passado. Numa sucessão de quadras rimadas, o relato abre com uma referência implícita à reconquista cristã e a D. Afonso Henriques, acentuando a sua tenacidade na vontade de alargar o território português. A esta alusão sucedem-se outras men-

ções a monarcas que prosseguiram a expansão do território (como D. Sancho I, Afonso II, etc.), sublinhando o seu espírito vencedor e unificador. Este discurso alterna com uma nota referente à capacidade de aceitação da diferença e do Outro pelo povo português, como forma de introduzir o sucesso posterior, «quando lançado nas naus/ atingir outras paragens» (Letria, 1997, p. 9). Antes, porém, há, ainda, uma referência a D. Dinis, rei-poeta, e ao «tempo dos mercadores, / das feiras / das romarias e dos reis que, entre pelejas, / também escrevem poesias» (Letria, 1997, p. 10). Com a poetização de D. Inês de Castro e do desfecho trágico do seu amor e com a evocação da Peste Negra, o sujeito poético põe um ponto final na recriação do período em pauta e regista: «E chega ao fim esta Idade / que nos livros se diz Média / e que passou a galope / como um cavalo sem rédea» (Letria, 1997, p. 12). O texto apresenta uma outra nota de originalidade: a inclusão/apresentação de uma personagem, um escudeiro, cujas intervenções dotam o texto de um tom coloquial e sugerem uma certa proximidade com o destinatário extratextual. As ilustrações parcelares e dispersas pelo volume, da autoria de André Letria (Lisboa, 1973), todas a lápis de carvão, recriam detalhes/signos de feição identitária. No caso do segmento aqui revisto, encontra-se a presença da mesma ilustração patente na capa da obra, uma representação de um rei-cavaleiro, de espada em riste e com uma aparência feroz, destemida e determinada.

2.2. *Algumas obras editadas no século XXI*

A primeira obra selecionada já editada no século XXI intitula-se *A Verdadeira História da Batalha de S. Mamede* (2001) e é da autoria de Inácio Nuno Pignatelli (Porto, 1950). Trata-se de um texto dramático, destinado à representação teatral, marcadamente humorístico. Como anunciam, desde logo, o seu título e o seu subtítulo, a obra faz-nos recuar no tempo até ao famoso episódio do confronto entre o primeiro Rei de Portugal e D. Teresa, sua mãe, no dia 24 de junho de 1128, no campo de S. Mamede, junto ao Castelo de Guimarães. Nesta obra, construída a partir da paródia das causas deste episódio histórico, interagem personagens referenciais como D. Afonso Henriques, D. Teresa, D. Urraca ou Egas Moniz que, aqui, são recriadas através de estratégias de promoção do cómico bastante eficazes. D. Afonso Henriques, por exemplo, é sempre nomeado como Afonsinho (a acentuar a condição infantil do protagonista). Além disso, as suas intervenções verbais são marcadas por expressões de calão e as suas ações denunciam, a cada momento, um mau génio e uma irreverência ao ponto de se recusar

a comer a sopa, facto que desencadeia, nesta história, o confronto com a mãe. Por representar uma situação bastante frequente num contexto familiar comum, este aspeto funciona, de modo notório, como fator de aproximação a este texto por parte dos leitores mais novos. A presença de alguns elementos resgatados ao mundo contemporâneo, surgindo o passado distante da Idade Média pontuado, por exemplo, por uma nova versão de uma famosa cantiga dos nossos dias, pela referência a cassetes-pirata que custam 50 escudos e, ainda, por segmentos textuais exaltados, próximos do discurso político, reveste-se igualmente de um caráter humorístico.

Em 2008, no volume *O Meu Primeiro Portugal*, José Jorge Letria retoma, de certa maneira, a intenção consubstanciada em *Portugal por Miúdos* e propõe uma viagem histórico-cultural por Portugal, colocada precisamente na voz do País que, assim, apresenta, na primeira pessoa, a sua História: «Nasci em Guimarães, num castelo ao qual gosto sempre de voltar, pois foi esse o meu berço e a minha casa durante muitos anos da minha vida longa.» (Letria, 2008, p. 8). As ilustrações de Henrique Cayatte (Lisboa, 1957) recriam o castelo referido, bem como a figura de D. Afonso Henriques (que não surge mencionado no texto verbal, mas apenas representando visualmente), reiterando, portanto, simbolicamente o espaço fundacional e o herói mítico da nacionalidade portuguesa.

Na linha de uma série de outros títulos inspirados em figuras históricas ou na História (não só portuguesa, mas também de outros países), *Era uma Vez um Rei Conquistador* (2009) do mesmo autor, obra recomendada pelo Plano Nacional de Leitura – livro para apoio a projetos relacionados com a História de Portugal no 3.º ciclo, tem como temática central a vida do primeiro rei de Portugal. Conta-se, pois, a história de D. Afonso Henriques, relata-se a sua infância —quando era «apenas menino» (Letria, 2009, p. 6)—, numa linha comum a outros relatos ficcionais, e as conquistas que levaram à fundação de Portugal. Nesta obra, texto verbal e texto visual nascem da mistura eficaz e expressiva da História e da ficção, da seriedade e do humor, do passado e de algumas notas de contemporaneidade. Desta(s) aliança(s) resulta uma narrativa de contornos biográficos, que, pela simplicidade, pela vivacidade e pela coloquialidade do discurso, por vezes pontuado pelo humor, agrada aos leitores mais novos. Para este contacto informal e divertido com a História, contribuem de forma decisiva as ilustrações de Afonso Cruz (Figueira da Foz, 1971), que, como é comum no discurso deste ilustrador, se articulam com o registo linguístico, captando as suas figuras e os seus momentos principais e corroborando —por exemplo, através do traço caricatural— a sua vertente cômica. O peritexto final elenca cronologicamente «Datas e factos na

vida de um rei lutador», funcionando como um importante documento informativo.

Consubstanciando, uma vez mais, a já referida tendência de José Jorge Letria, que reside na recuperação da História e na sua ficcionalização, assinala-se, igualmente, *Histórias Curiosas da Nossa História* (2013). Das quinze narrativas aqui incluídas, destacam-se as duas primeiras: «O Valor da Palavra Dada. A História de Egas Moniz» e «A Coragem de uma Mulher do Povo. A História da Padeira de Aljubarrota». A primeira relata, num tom emotivo, o gesto honroso do aio de D. Afonso Henriques que, cumprindo a sua palavra, se entregou a D. Afonso VII de Castela. O monarca, comovido com a sua leal atitude, libertou-o. O carácter lendário do episódio, como regista Letria, ajuda a «tecer a memória dos povos». A segunda narrativa recorda Brites de Almeida, a famosa Padeira de Aljubarrota, e a sua ação terrífica contra os espanhóis, na defesa de Portugal, e «assim nasceu, para a lenda e para a História, uma verdadeira heroína portuguesa».

Em 2018, veio a lume a antologia poética *Reis, Rainhas, Príncipes e Princesas*, de Luísa Ducla Soares (Lisboa, 1939), com ilustrações de Cristina Completo (Angola, 1965) e um CD apenso, com músicas de Daniel Completo. Também nesta coletânea a figura de D. Afonso Henriques possui lugar de destaque. No poema que lhe é dedicado, acentuam-se a sua força, capacidade de luta e essência vitoriosa, deixando algumas notas humorísticas: «Usei armaduras / Pesadas mas chiques, / O grito da moda / De Afonso Henriques» (Soares, 2018). Mas o cómico intensifica-se no poema centrado em D. Afonso II, o Gordo, figura ficcionalizada com humor e boa disposição: «Era uma vez um rei / com um grande barrigão, / Comia um javali / sozinho à refeição. (...) // Partiu-se a cama ao meio, / Fez-se o trono em fanicos, / Com o seu peso racharam / Dez preciosos penicos.» (Soares, 2018). Num tom muito distinto, o texto poético dedicado a D. Dinis abre com uma quadra que retoma parcialmente e mimetiza a cantiga de amigo do rei trovador: «Ai flores, ai flores / Que brotam do verde pinho, / O melro e a cotovia / Nele fazem o seu ninho.». O verso invocativo inicial vai sendo retomado, quadra após quadra, sendo que a última quadra é exatamente igual à primeira. Lirismo e elementos da natureza, retomados da poesia medieval, distinguem este texto. É também marcado pelo lirismo e, ainda, pelo dramatismo o poema que evoca o amor trágico de Inês de Castro e D. Pedro. Trata-se de uma composição poética que acentua a dureza, a violência, enfim, a conhecida tragédia.

Similarmente, possuem a lírica medieval como matriz alguns textos poéticos da autoria de João Pedro Mésseder (Porto, 1957), disseminados, por obras como *De que cor é o desejo?*:

«CANTAR DE AMIGO

Do meu amigo não sei
O nome nem o paradeiro,
Sei apenas como o vi
A olhar-me o tempo inteiro.

Não lhe conheço a morada,
Só sei que olhava e olhava,
Nos seus olhos como um rio
Os meus olhos desaguavam.

Essa manhã não queria
Lembrar-me as horas, o tempo.
Meu amigo caminhou
Com seus cabelos ao vento.

As mãos eram brancas e longas,
Na fronte tinha uma estrela
E a sua maneira de olhar
Dizia-me o nome dela.

O meu amigo não quis
Levar-me naquele momento
Mas apenas convidar-me
A adivinhar-lhe o intento.

Só quero do meu amigo
Olhá-lo de corpo inteiro.
Que venha de novo amanhã
À hora do sol primeiro».

(Mésseder, 2000, pp. 41-42).

De igual modo, em *Breviário da Água*, neste caso, em coautoria com Francisco Duarte Mangas (Rossas, Vieira do Minho, 1960), encontra-se:

«CANTIGA DE AMIGO

Fonte fria,
Que matais a sede
Dos meus olhos,
Sabeis novas do meu amigo?

Trago o coração alagado de mágoa,
 Fonte fria:
 Porque tarda o meu amado?»
 (Mésseder e Mangas, 2004, p. 40).

Trata-se de um exercício lírico permeado de ressonâncias medievais, sugestivas do universo afetivo da donzela (o amor, a angústia decorrente da ausência do Amigo, da incerteza do seu paradeiro, etc.), do encontro com a natureza feita sua confidente, da condição feminina e da ambiência/cenário natural.

Uma referência, ainda, à coletânea intitulada 1, 2, 3 *Um Rei de cada Vez. Reis de Portugal em 5 minutos* (2021) de Sara Rebello Silva (Lisboa, 1978), com ilustrações de Raquel Russo (Montijo, 1998). Integrando textos breves sobre os reis e rainhas que governaram Portugal durante 771 anos, como sugerem os seus título e subtítulo, propõe uma leitura informal e rápida da História, acessível a leitores menos experientes, um percurso que segue a sequência de monarcas portugueses. As quatro dinastias são previamente apresentadas a partir de uma árvore genealógica, informação, de seguida, pormenorizada, com a referência individual a cada monarca, ao seu cognome e à explicação para o mesmo. Sempre de forma muito concisa e através de um discurso objetivo e informativo mais do que verdadeiramente literário, deixam-se alguns apontamentos curiosos ou marcantes. Por exemplo, relativamente a D. Afonso Henriques, regista-se o facto do seu reinado ter sido o mais longo de sempre na História de Portugal; sobre D. Sancho, o Povoador, nota-se que, quando nasceu, chamaram-lhe Martinho e que, só com três anos, é que lhe alteraram o nome; ou, ainda, no que diz respeito a D. Afonso II, recorda-se que foi no seu reinado que se criaram as primeiras leis escritas. Em suma, embora os seus peritextos titulares possam induzir a uma leitura «desviante» ou desviada da moldura puramente histórica e criar um outro tipo de expectativas, este volume integra um conjunto assinalável de publicações nas quais facilmente se perscruta uma maior intencionalidade pedagógica ou educativa do que um registo ficcional, balizado pela recriação imaginativa, por exemplo, pela paródia, entre outros. Neste acervo, de feição informativa, bastante considerável e composto por vários exemplares de notória qualidade, obras meritórias que não contemplámos neste estudo pelo facto de termos optado pela análise de um *corpus* textual literário, incluem-se —e apenas para deixar registados alguns exemplos—, os diversos títulos que compõem a coleção «História de Portugal», sendo o primeiro (1993, Caminho), dedicado aos primeiros reis, uma série da autoria de José Mattoso (Leiria, 1933), Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada, bem como *História e Lendas*, de Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada (2001, Caminho).

Em ambos os casos, incluem-se relevantes elementos pictóricos/visuais, ou seja, imagens, ilustrações e segmentos fotográficos, que, em muito, auxiliam o jovem leitor na leitura e compreensão do relato histórico.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na abordagem que, agora, concluímos, procurámos sugerir a assiduidade da matéria histórica e do seu tratamento literário na escrita que tem no leitor infantil o seu público-alvo. Os ângulos de perspetivação criativa —chamemos-lhe assim— têm sido demarcados por circunstâncias inerentes aos diferentes contextos históricos de edição. Por exemplo, como registámos, no decurso do regime ditatorial, as normas explícitas e implícitas impuseram uma seleção estrita de figuras e episódios históricos a convocar, todos num tom laudatório ou de exaltação, com um fito propagandístico. Já após 1974 e em termos muito genéricos, observa-se, a par de uma tendência para a tematização de tópicos mais ligados à liberdade e à cidadania ativa, o interesse por uma recriação histórica pautada pelo humor, pela ironia e pela paródia.

Assim, na contemporaneidade, como atestam os diferentes volumes aqui relidos, a recriação da Idade Média portuguesa, plasmada nas obras revisitadas, hesita entre o caráter lúdico e uma intencionalidade informativa que não obscurece a essência estética/literária do discurso, apesar da presença de alguns estereótipos (Boulaire, 2002), dando conta de uma certa prevalência de determinadas imagens simbólicas da Idade Média e do fascínio pelo tempo da formação da nacionalidade —a sedutora «idée d'origine» (Boulaire, 2002, p. 8)—, um passado mítico, e pelos seus heróis, em particular D. Afonso Henriques. Como pontuámos, os textos analisados evidenciam algumas tendências, designadamente a humanização de figuras históricas, bem mais distantes do «endeusamento» de outras escritas de outros tempos (como durante o período salazarista); o humor, assente no cómico de linguagem, de caráter e de situação; e a parodização de momentos históricos. Com efeito, estas reescritas da História, por meio da ficção, asseguram a continuidade com o passado e diferentes conexões com a tradição histórico-cultural portuguesa, distinguindo-se como instrumentos fundamentais para a compreensão do mundo (Mattoso, 2019).

Finalizamos, neste sentido, retomando a perspetiva de José António Gomes e, assim, deixando também implícita a relevância da presença da História na ficção para a infância: «Esta consciência da temporalidade e da historicidade, que a leitura de ficção literária permite desenvolver, é uma das condições *sine qua*

non da cidadania activa.» (Gomes, 2009, p. 38). Acrescenta, ainda, convocando Mattoso e Elliade, «tornamo-nos nós mesmos quando sabemos a nossa História». As distintas figurações da Idade Média na literatura portuguesa infantojuvenil representam, sem dúvida, uma possibilidade de (re)pensar o tempo, de equacionar simultaneamente o passado e o presente, de nos reconhecermos enquanto seres individuais e coletivos, de nos situarmos num *continuum* para cuja compreensão a História e o seu conhecimento muito contribuem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Bibliografia ativa

- Dacosta, Luísa, 1985: *A Batalha de Aljubarrota*, Porto (ilustrações de Marques Cruz)
- Letria, José Jorge, 1997: *Portugal por Miúdos*, Lisboa (ilustrações de André Letria).
- , 2008: *O Meu Primeiro Portugal*, Lisboa (ilustrações de Henrique Cayatte).
- , 2009: *Era uma Vez um Rei Conquistador*, Lisboa (ilustrações de Afonso Cruz).
- , 2013: *Histórias Curiosas da Nossa História*, Alfragide (ilustrações de Miguel Gabriel).
- Pignatelli, Inácio Nuno, 2001: *A Verdadeira História da Batalha de S. Mamede*, Porto (ilustrações de Avelino Rocha).
- Magalhães, Ana Maria e Alçada, Isabel, 1985: *Uma viagem ao tempo dos castelos*, Lisboa (ilustrações de Arlindo Fagundes).
- , 1986: *Uma visita à corte do rei D. Dinis*, Lisboa (ilustrações de Arlindo Fagundes).
- , 1986: *O ano da peste negra*, Lisboa (ilustrações de Arlindo Fagundes).
- Mésseder, João Pedro, 2000: *De que Cor é o desejo?*, Lisboa (ilustrações de José Miguel Ribeiro).
- Mésseder, João Pedro e Mangas, Francisco Duarte, 2004: *Breviário da Água*, Lisboa (ilustrações de Geraldo Valério).
- Soares, Luísa Ducla, 2018: *Reis, Rainhas, Príncipes e Princesas*, Sesimbra (ilustrações de Cristina Completo (músicas de Daniel Completo)).
- Silva, Sara Rebello, 2021: 1, 2, 3 *Um Rei de cada Vez. Reis de Portugal em 5 minutos*, Lisboa (ilustrações de Raquel Russo).

- Torrado, António e Menéres, Maria Alberta, 1984: *Histórias em Ponto de Contar* (sobre desenhos de Amadeo de Souza-Cardoso), Lisboa.
- Vieira, Alice, 1981: *A Espada do Rei Afonso*, Lisboa.
- , 1983: *Este Rei que Eu Escolhi*, Lisboa.

Bibliografia passiva

- Blockeel, Francesca, 2001: *Literatura Juvenil Portuguesa Contemporânea: identidade e alteridade*, Lisboa.
- , 2003: «History and Collective Memory in Contemporary Portuguese Literature for the Young» em Anna Lawson Lucas (ed.). *The Presence of the Past in Children's Literature*, Westport, pp. 53-59.
- Boulaire, Cécile, 2002: *Le Moyen Âge dans la littérature pour enfants*, Rennes.
- Bovaird-Abbo, Kristin, 2020: «Why an Issue on 'The Medieval in Children's Literature'?» em *Children's Literature Association Quarterly*, volume 45, winter 2020, pp. 301-307.
- Bradford, C., 2015: *The Middle Ages in Children's Literature*, London.
- Cecire, Maria, 2009: «Medievalism, Popular Culture and National Identity in Children's Fantasy Literature» em *Studies in Ethnicity & Nationalism*, Volume: 9, Issue 3, Hoboken-New Jersey.
- Dias, Isabel Barros, Alpalhão, Margarida Santos e Pina, Margarida Esperança (eds.), 2020: *O Medievalismo no século XXI*, Bristol.
- Gomes, José António, 1997: *Para uma História da Literatura Portuguesa para a Infância e a Juventude*, Lisboa.
- , 2009: «Leitura e memória» em Ana Margarida Ramos, José António Gomes e Sara Reis da Silva, 2009: *A Memória nos Livros: História e histórias*, Porto.
- Macedo, Teresa, 2018: «As bio-historiografias e a transmutação da realidade em José Jorge Letria» em Sara Reis da Silva e João Manuel Ribeiro (coord.), *José Jorge Letria e os seus Livros Livres para a Infância e a Juventude*, Porto, pp. 49-74.
- Mattoso, José, 2019: *A Escrita da História*, Lisboa.
- Patriarca, Raquel, 2015: «A História como veículo de identidade nacional nos livros infanto-juvenis portugueses: alguns títulos entre 1880 e 1940», em *Elos. Revista de Literatura Infantil e Juvenil*, 2, pp. 63-89.
- Kline, Daniel T., 2003: *Medieval Literature for Children*, New York.
- Ramos, Ana Margarida, Gomes, José António e Silva, Sara Reis da (eds.), 2009: *A Memória nos Livros: História e histórias*, Porto.

- Ramos, Ana Margarida, 2008: «A literatura para a infância e a construção da memória – uma leitura de Romance do 25 de Abril em prosa rimada e versificada, de João Pedro Méseder» em Eliane Debus (org.). *A literatura infantil e Juvenil de Língua Portuguesa: leituras do Brasil e d'além mar*, Blumenau, pp. III-II8.
- , 2009: «Literatura para a infância portuguesa contemporânea – leituras da História da Revolução de Abril» em *Boletín Galego de Literatura*, n.º 39-40, Santiago de Compostela, pp. 269-278.
- , 2014: «As cores do 25 de Abril na Literatura para a infância 40 anos depois da revolução», em *Forma Breve*, n.º 11, Aveiro, pp. 259-272.
- Ramos, Rui (coord.), 2009: *História de Portugal*, Lisboa.
- Reynolds, Kimberley, 2011: *Children's Literature. A Very Short Introduction*, Oxford.
- Silva, Sara Reis da, 2010: «Between open adventure in foreign lands and confined living in Portugal: Portuguese children's literature and the work of Virginia de Castro e Almeida» em *AILIJ (Anuario de Investigación en Literatura Infantil y Juvenil)*, 8 (1), Vigo, pp. 123-137.
- , 2023: «Discourses of identity in Portuguese children's literature: shifts and persistences» em Fariba Shulz & Bettina Kummerling-Meibauer (eds). *Transformation and Continuity: Political and Cultural Changes in Children's Literature from the Past Century to the Present Day*, Heidelberg.
- Temponi, Eduarda Moysés e Guerra, Luiz Felipe, 2019: «Medievalismo: uma breve introdução» em *Temporalidades – Revista de História*, Edição 31, v. 11, n.º 3 (Set./Dez. 2019), Minas Gerais, pp. 492-496.